

Religiosidade e valores em Portugal: comparação com a Espanha e a Europa católica

INTRODUÇÃO: PORTUGAL NUMA PERSPECTIVA COMPARATIVA EUROPEIA

Este artigo pretende comparar as características da religiosidade católica em Portugal com as de outros países europeus, determinar a sua evolução e procurar explicar as especificidades portuguesas, tendo em conta principalmente as ligações entre religiosidade e valores. Neste artigo, o uso dos termos «religiosidade» ou «religião» é limitado: são entendidos como uma forma específica de manifestação do plural (e muito mais amplo) horizonte de fenómenos religiosos, constituído pela prática e identidade católica da população nas últimas décadas. Esta perspectiva «emic»¹ é congruente com a principal fonte de informação utilizada — vários inquéritos a partir dos quais se elaborou uma extrapolação *a posteriori*. O termo «religião» corresponde, neste artigo, a uma concepção usual da religião recolhida nos inquéritos, sendo, portanto, a única susceptível de ser analisada através dos mesmos. Noutras palavras, quando os entrevistados, no âmbito de um inquérito, pensam em «religião» num país como Portugal, de ampla maioria católica, pensam essencialmente (salvo excepções minoritárias) no catolicismo que experienciaram e onde se socializaram. Por exemplo, os protestantes podem pensar no protestantismo; no entanto, estes são uma minoria, apenas perceptíveis a partir de um olhar demoscópico. Neste contexto, outras confissões, assim como outras concepções do termo «religião», não são possíveis nesta análise, tendo em conta as limitações da informação que oferecem, a sua pouca representatividade na amostra ou simplesmente porque

* Universidad Complutense de Madrid.

carecem de indicadores adequados. Aquilo que se procura e se pode obter nesta análise é o grau de proximidade ou distanciamento da população com as crenças, práticas e identidades onde os seus componentes se socializaram através da Igreja Católica. Deste modo, daqui em diante entenderemos por «religião» o catolicismo institucionalizado.

Estes objectivos conduzem-nos à adopção de uma perspectiva comparada transnacional. O enquadramento proposto é o dos países da Europa ocidental de ampla maioria católica. Ou seja, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Itália, Irlanda e Polónia. Daremos especial atenção à Espanha, pelo facto de este país partilhar com Portugal afinidades históricas, políticas, económicas e culturais — o que, por sua vez, fará com que as diferenças em termos de religiosidade e valores se destaquem mais ainda.

Apesar de ser a abordagem aqui empregue, a aproximação quantitativa não será a mais desejável. Para poder otimizar a aproximação empírica aqui abordada são necessários estudos qualitativos através dos quais se possa contrastar e contextualizar o significado dos dados, variáveis e indicadores, quando se abordam temáticas tão complexas como as identificações, as crenças, os valores e as sensibilidades. Estes fenómenos são, no melhor dos casos, difíceis de apreender na sua complexidade a partir de indicadores concretos — que simplificarão necessariamente a realidade abordada. No entanto, os dados de inquérito susceptíveis de extrapolações inéditas são fáceis de encontrar e o acesso às bases de dados originais também não parece ser complicado, enquanto o acesso a materiais empíricos qualitativos é praticamente impossível, em primeiro lugar, pela grande escassez de estudos desta natureza existentes e, em segundo, porque, quando efectivamente existem, não têm o hábito de facilitar os materiais intermédios (gravações de áudio, transcrições, etc.) aos investigadores. Seguidamente, apresentaremos uma descrição dos dados estatísticos reunidos e, numa tentativa de ir mais além de uma visão meramente descritiva, ofereceremos interpretações e explicações dos mesmos — cuja confirmação depende da sua contrastação com outras abordagens qualitativas.

Começamos, portanto, por destacar as características distintivas de Portugal em matéria religiosa. Para tal, comparam-se dados dos oito países mencionados na *European Value Survey* (doravante, EVS) de 1999-2000 e na *European Social Survey* (ESS1) (v. quadro n.º 1).

O dado mais relevante neste quadro é o elevado grau de confiança que os portugueses depositam na Igreja. São os europeus que mais confiam nesta instituição, com alguma distância em relação aos restantes países. Os resultados de outros inquéritos avalizam esta conclusão. Por exemplo, apesar de as diferenças não serem tão acentuadas como as que aqui apresentamos (dados EVS 1999-2000), os portugueses também lideram o *ranking* destes oito países no inquérito transnacional de religiosidade ISSP 1998.

Indicadores de religiosidade por países (a)
(em percentagem)

[QUADRO N.º 1]

	Austria	Bélgica	Espanha	França	Irlanda	Polónia	Portugal	Itália
Confiança na Igreja*:								
Muito + bastante	38	42	42	44	57	67	78	66
Pouca + nenhuma + NR	62	58	58	56	43	33	22	34
Confissão religiosa**:								
Católica	61	43	75	40	78	91	83	76
Outras	9	5	2	8	4	1	3	1
Não sabe	2	1	1	0	1	1	0	1
Nenhuma	28	51	22	51	17	7	14	23
Nível de religiosidade**:								
Baixo (1 a 4)	34	36	45	52	23	15	27	21
Médio (5 a 6)	30	29	31	26	34	28	31	33
Alto (7 a 10)	35	33	23	21	42	56	41	46
NS/NR	1	1	1	1	1	1	1	0
Assistência à missa**:								
Semanal	19	11	20	8	54	56	30	32
Ocasional	54	43	46	44	36	39	48	53
Nunca	27	46	34	49	11	4	22	15
Oração*:								
Diária	19	14	19	12	47	45	33	32
Semanal	23	13	17	9	25	25	26	24
Ocasional	33	29	30	26	19	22	25	29
Nunca	26	44	34	53	9	7	17	15

(a) Devido ao arredondamento neste quadro (e nos seguintes), as percentagens poderão totalizar 99% ou 101%, em vez de 100%.

* (EVS 2000).

** (ESS1).

81% dos portugueses declaram-se católicos — proporção apenas superada na Polónia. Do mesmo modo, os portugueses são, depois dos polacos, os europeus que menos se situam à margem de qualquer confissão. A confessionalidade é, portanto, um elemento característico. No entanto, paradoxalmente, quando lhes é perguntado em que medida é que se consideram pessoas religiosas, são superados não só pelos polacos, como também pelos italianos e irlandeses. Utilizando uma escala que gradualiza este sentimento de 0 a 10, 41% dos portugueses dão pontuações altas (de 7 a 10), 31% médias (5 e 6) e 27% baixas (0 a 4). Os portugueses sentem-se mais religiosos do que os austríacos, belgas, espanhóis e franceses. Os franceses e os espanhóis destacam-se por apresentarem as proporções mais elevadas de pontuações baixas e, em consequência, as menos elevadas das pontuações altas.

Também os polacos, irlandeses e italianos superam os portugueses no que respeita à assistência à missa. No entanto, estes mantêm-se bastante acima dos espanhóis e austríacos e mais ainda dos belgas e franceses. Em termos de frequência de oração, mantêm-se abaixo da Polónia e Irlanda, mas ao mesmo nível que a Itália e muito acima dos restantes países. É também de destacar que se verifica em Espanha uma das mais altas percentagens de pessoas que afirmam não rezar nunca (53%). Damos agora a conhecer, e comentamos, os dados relativos às crenças religiosas (v. quadro n.º 2).

Crenças religiosas por países
(em percentagem)

[QUADRO N.º 2]

	Austria	Bélgica	Espanha	França	Irlanda	Polónia	Portugal	Itália
Acreditam em...								
Deus	83	67	80	56	95	96	92	88
Vida depois da morte	51	40	43	38	71	69	40	61
Inferno	17	18	30	18	48	55	33	42
Pecado	56	41	22	37	81	84	67	67
Telepatia	42	34	10	35	31	32	25	32
Reencarnação	18	17	8	25	19	19	25	15
Tipo de Deus em que acreditam:								
Deus pessoal	31	28	50	21	67	82	78	70
Espírito ou força vital	52	35	23	30	23	10	15	19
Não sabe o que pensar	9	17	13	25	7	5	3	7
Não acredita em Deus	7	16	7	20	2	2	3	3
NS/NR	2	4	6	5	1	1	2	1

Fonte: EVS 2000.

No âmbito das crenças, os portugueses situam-se, em geral, acima dos austríacos, belgas, espanhóis e franceses, à excepção da crença na vida depois da morte, da qual duvidam bastante. Com 40% de pessoas que afirmam acreditar, situam-se entre os países mais cépticos neste ponto, próximos dos belgas e espanhóis. Também se distinguem, entre os portugueses, como sendo escassas as crenças de origem não cristã (principalmente a telepatia, mas também a reencarnação). Comparando Portugal com o bloco dos países mais religiosos, observa-se um nível de crença em Deus algo inferior mas muito similar aos níveis obtidos na Irlanda e na Polónia, o que contrasta com pontuações muito mais baixas na escatologia (vida ultraterrena e inferno) — aproximando-se assim muito mais neste ponto da Espanha (pela pouca atenção prestada) do que da Polónia, Irlanda ou, inclusive, Itália.

Que a grande maioria dos europeus acredite em Deus não significa que se acredite da mesma maneira. A crença em Deus mantêm-se muito alta; no entanto, para além de ser plural (como observámos no quadro), parece

encontrar-se num processo de transformação. O indicador que nos permite chegar a esta conclusão é o de «tipo de Deus em que acreditam». Numa investigação qualitativa anterior (Arroyo Menéndez, 2004) tive a oportunidade de explorar a semantividade subjacente às categorias de resposta (de inquerito) em Espanha, posteriormente reforçadas através de verificações quantitativas. A categoria «Deus pessoal» correspondia a uma representação tradicional do Deus da Bíblia, a cuja imagem e semelhança o homem é feito e tem sentimentos e paixões «antropomórficas». A concepção de um espírito ou força vital afasta-se daquela, implicando uma representação de um Deus impessoal e essencialmente mais difusa. É uma concepção frequente em indivíduos menos tradicionais, mais modernos, mais jovens... que se observa tanto em indivíduos com uma vida religiosa muito activa como em outros com uma religiosidade mais «difusa». Finalmente, encontramos as posições típicas da ausência de crença (não sabem o que pensar em relação ao agnosticismo e, nos não crentes, ao ateísmo). Neste contexto, o estudo referido sugeria um processo de transformação em curso sobre a representação de Deus, avançando desde a posição tradicional em direcção a outras mais novas, menos vinculadas à instituição eclesiástica. Este processo parece ter ocorrido (se as correspondências semânticas forem extrapoláveis) essencialmente em França, Bélgica e Áustria, onde a concepção tradicional (pessoal) terá sido mais abandonada.

O que apreciamos em Portugal é que a ideia de um Deus pessoal continua a ter muita força, com uma intensidade algo inferior mas parecida à observada na Polónia e claramente superior à observada na Irlanda ou Itália. Neste sentido, a representação da divindade em Portugal parece ser marcadamente tradicional. A ser verdade esta ideia, os rasgos que caracterizam a religiosidade portuguesa seriam: uma elevada confiança na instituição eclesiástica; uma alta identificação religiosa com o catolicismo; uma prática religiosa não tão elevada como a sua identidade católica (embora superior à média dos oito países), expressa mais na oração individual do que na assistência à missa; um elevado nível de crença em Deus, claramente relacionado com o Deus pessoal da tradição católica, embora mantendo em simultâneo mais ceticismo do que fé nas crenças no além. A religiosidade dos portugueses não está tão assente, como noutros países, numa crença no além, mas parece guardar maior relação com aspectos mais mundanos, menos transcendentais. Parece-nos, neste ponto, que estará relacionada com os valores mantidos pela instituição eclesiástica, com a confiança depositada na mesma enquanto garante da ordem moral e enquanto guia de princípios.

EVOLUÇÃO DA RELIGIOSIDADE EM PORTUGAL

Se é verdade que noutros países o material disponível para elaborar sínteses históricas sobre a religiosidade é escasso, mais verdade será ainda para o caso

português. Há, por exemplo, dados estatísticos disponíveis sobre a confessionalidade (Vilaça, 2006), mas estes estão sujeitos a variações metodológicas na recolha da informação e acumulam taxas de não-resposta tão díspares que tornam difícil extrair conclusões sobre a evolução dos católicos ou dos «sem religião» nos últimos três censos (trinta anos). Por outro lado, os inquéritos realizados sobre religiosidade apresentam invariavelmente problemas de comparação entre si devido a questões metodológicas diversas (inquéritos distintos, amostras distintas...). Por exemplo, as duas medições do *Inquérito Europeu de Valores* (1990-1999), com questionários praticamente idênticos, sofrem problemas diversos, entre outros o de observar universos diferentes (na segunda medição não são incluídas as ilhas, mas apenas o continente). Também desde 1997, através dos inquéritos anuais do ISSP, é teoricamente possível acompanhar a evolução em Portugal dos indicadores de religiosidade incluídos como dados de classificação; no entanto, também sofrem de problemas de comparação, a julgar pelas importantes e injustificadas variações nas diversas ondas.

Apresento aqui — à falta de outros dados melhores, e alertando para as muitas reservas e precauções que eles merecem — a seguinte evolução da prática religiosa, obtidos através de diversas sondagens, tais como o *Eurobarómetro*, o *Inquérito Social Europeu* e o *Inquérito Europeu de Valores* (v. quadro n.º 3)².

Evolução da assistência à missa em Portugal

(em percentagem)

[QUADRO N.º 3]

	1989	1990	1991	1993	1998	1999	2002	2004	2005
Semanal	38	34	37	28	30	36	30	30	28
Ocasional	37	47	44	56	50	48	48	49	49
Não vão à missa	22	20	17	14	19	15	22	21	22

Neste quadro aprecia-se a perda de intensidade na assistência semanal à missa. O número dos assistentes semanais tende a diminuir (de 1989 a 2005 diminui em 10%), aumentando o número dos que assistem de forma irregular, isto é, com menor frequência do que a semanal. No entanto, desde as primeiras medições até às últimas, as proporções estáveis daqueles que nunca vão à missa mantêm-se. Estes últimos experimentam um decréscimo durante a década 90, que parece atingir o ponto mais baixo a meio da década, para voltar a recuperar até alcançar os valores inicialmente observados, por volta dos 22%.

Aparentemente (assumindo *a priori* como indício), a prática religiosa em Portugal perde intensidade sem que se observe como tendência a médio-

-longo prazo um aumento daqueles que não frequentam nunca a igreja — o que implicaria que as pessoas vão cada vez menos à missa, mas que, no entanto, continuam a ir.

De acordo com os resultados provisórios do recenseamento da prática dominical (Teixeira, 2005; Marinho Antunes, 2005) efectuados em 2001, 1991 e 1977 pela Igreja, o número de assistentes à missa, previsivelmente, decresce: em 1977 foram contabilizados 2 440 576 indivíduos; em 1991, 2 243 693; finalmente, em 2001 contabilizaram-se 1 933 677. Estas medições exaustivas (os dados recolhem todas as pessoas que assistiram pelo menos uma vez à missa no fim de semana de referência, através de uma técnica «censal» e não por amostra) foram estabelecidas num fim de semana de «assistência média» de cada ano e, portanto, têm um valor orientativo (desconhecemos as oscilações nas afluências e a generosidade do critério de eleição de cada domingo). O facto mais destacado é que as medições concordam com a percepção da Igreja portuguesa de que a prática está a diminuir e também com os anteriores dados de inquérito. A serem correctos estes dados, estaríamos perante uma tendência que remontaria pelo menos até ao início da década de 70.

Por outro lado, de acordo com os inquéritos, não parecem aumentar aqueles que nunca frequentam a missa, o que nos indicaria que a evolução de Portugal neste âmbito poderia ser diferente da observada em Espanha ou noutros países de maioria católica onde efectivamente se verifica esse aumento.

Na ausência de mais e melhores dados históricos que nos permitam vislumbrar a evolução dos fenómenos que nos ocupam, devemos então adoptar a estratégia de observar, num inquérito recente, as diferenças entre grupos geracionais, de forma a averiguar se, à medida que se desenvolvem novos grupos etários, estes são (ou não) cada vez menos religiosos. Esta perspectiva tem o inconveniente de desconhecermos até que ponto é que as diferenças entre os grupos são devidas a diferenças «geracionais» (e, portanto, assumem o valor descritivo de uma evolução temporal) ou aos efeitos de «ciclo de vida» (como comportamentos próprios de «jovens», posteriormente abandonados com o avançar da idade, e vice-versa). No entanto, levamos em linha de conta que o efeito geracional na variável «idade» costuma ser muito maior do que o efeito de ciclo de vida nas sociedades (como as europeias) submetidas a fortes processos de transformação social, especialmente no âmbito dos valores, crenças e atitudes — que acusam fortes diferenças geracionais relativamente estáveis no tempo entre os diferentes grupos etários. (Há evidências empíricas suficientes deste facto nas três medições dos estudos transnacionais de valores, entre outras fontes, que suportam esta conhecida tese de Inglehart.)

Começamos por examinar os dados da *European Social Survey* (doravante ESS) de 2002. Trata-se de práticas religiosas, assistência à missa e oração segundo agrupamentos por ano de nascimento dos sujeitos (décadas) (v. quadro n.º 4).

Práticas religiosas por gerações

[QUADRO N.º 4]

	1929 e -	1930- -1939	1940- -1949	1950- -1959	1960- -1969	1970- -1979	1980 e +
Assistência à missa:							
Semanal	50	47	37	29	21	21	15
Ocasional	34	44	46	52	53	45	55
Nunca	16	9	17	19	26	34	30
Oração:							
Diária	61	48	45	31	23	20	19
Semanal	17	27	31	32	25	21	23
Ocasional	10	18	15	26	31	33	30
Nunca	12	7	9	12	21	26	28
<i>Bases</i>	180	237	207	232	267	233	155

Fonte: ESS1.

Na assistência semanal à missa por grupos geracionais observamos um forte decréscimo, na linha daquele detectado na série histórica, mas mais agudo ainda. Se, por um lado, praticamente metade dos nascidos antes de 1939 assiste à missa, por outro, entre aqueles que nasceram a partir de 1980 apenas 15% o fazem. A queda intensifica-se entre os nascidos nas décadas de 30 e 40 para depois suavizar a partir da década de 1960. Logicamente, aumentam os ocasionais. O dado mais interessante deste quadro é o de que também aumenta o número de pessoas que nunca assistem à medida que a idade diminui, o que é indicativo de que, se é verdade que este grupo não aumentou, até agora, no conjunto da sociedade portuguesa, fá-lo-á certamente num curto ou médio prazo, nem que seja por uma questão demográfica (de sucessão geracional; falecem aqueles que mais assistem e ficam aqueles que menos o fazem, sem descartar que se desenvolvam grupos de comportamentos similares aos dos mais jovens). A dinâmica demográfica também explica que se observe esta tendência com maior suavidade noutros dados longitudinais.

O aumento de não praticantes observa-se entre aqueles nascidos a partir de 1960. A proporção de ocasionais deixa de crescer para dar lugar a estes, o que implica um avanço qualitativo no que se refere ao afastamento da religiosidade eclesiástica, dado que estas pessoas (a maioria ainda se considera religiosa) apresentam perfis de religiosidade bastantes mais difusos do que os dos outros crentes.

No que respeita à oração, observamos essencialmente as mesmas tendências: uma forte diminuição da oração frequente, aumento da oração ocasional e aumento progressivo de pessoas que nunca rezam. A oração diária está a perder-se a uma grande velocidade, já que, à medida que as gerações se sucedem, se reza cada vez menos. Nos três últimos grupos etários (nascidos a partir dos anos 60) são minoria aqueles que rezam diariamente, enquanto, pelo contrário, são maioria aqueles que no máximo o fazem de forma ocasional. Aqueles que nunca rezam começam a aumentar a partir desse momento. Trata-se de uma geração que era adolescente (ou crianças de 5 ou mais anos) na altura da mudança de regime. Estes indivíduos e aqueles que lhes sucederam viveram uma socialização religiosa diferente da dos seus predecessores.

Este facto sugere que o relaxamento da prática dominical tem implicações noutras dimensões da experiência religiosa; vemos que é concomitante com uma menor frequência da oração, o que é outro indício de que a influência da religião e da Igreja sobre o indivíduo tende a debilitar-se. No entanto, é necessário analisar mais dados antes de estabelecer estas conclusões. Seguidamente, analisaremos, sob esta perspectiva, a importância de Deus e da religião na vida. (v. quadro n.º 5).

Importância atribuída a Deus e à religião, por gerações
(em percentagem)

[QUADRO N.º 5]

	1929 e -	1930- -1939	1940- -1949	1950- -1959	1960- -1969	1970- -1979
Importância de Deus na vida:						
Alta (9 a 10)	63	63	51	48	44	31
Média-alta (7 a 8)	17	21	19	27	28	29
Média (5 a 6)	13	13	18	17	15	25
Baixa (1 a 4)	5	2	10	7	10	15
NS/NC	2	1	2	—	2	1
Importância da religião na vida:						
Muito importante	43	41	31	27	20	11
Bastante importante	45	48	42	45	57	49
Não muito importante	7	8	19	21	17	23
Nada importante	3	3	7	7	5	16
NS/NR	2	—	1	—	1	1
<i>Bases</i>	167	176	131	147	156	178

Fonte: EVS 1999.

Observa-se aqui um decréscimo brusco naqueles que afirmam que a religião é «muito importante». Igualmente aumentam de forma recíproca, à medida que as gerações se sucedem, aqueles que concedem pouca ou nenhuma importância à religião. Contudo, este último grupo — os que afirmam que

a religião não tem nenhuma importância nas suas vidas — é muito escasso, não mostrando uma tendência de aumento tão evidente como os anteriores. Provavelmente, numa sociedade onde a religião é importante esta terá importância na vida de todos ou quase todos os indivíduos, incluindo os menos religiosos.

Observamos um processo semelhante com a importância atribuída a Deus na vida. Apreciamos uma forte descida naqueles que lhe concedem a máxima importância. Aumentam, no entanto, aqueles que lhe concedem um grau de importância intermédio ou baixo. Seja como for, continuam a ser poucos os que lhe atribuem pouca importância.

Todos estes indicadores sugerem que em Portugal se caminha para uma religiosidade mais difusa, percebida como sendo menos importante na vida dos indivíduos; no entanto, não se caminha, pelo menos até ao momento, para uma irreligiosidade. Não existem indícios suficientemente sólidos que façam pensar que esta aumente a curto prazo.

Vejamos agora o que sucede a nível das crenças (v. quadro n.º 6).

Crenças por gerações

[QUADRO N.º 6]

	1929 e –	1930- -1939	1940- -1949	1950- -1959	1960- -1969	1970- -1979
Deus	97	98	90	91	92	85
Vida depois	40	45	43	39	36	42
Inferno	39	43	34	34	24	25
Pecado	75	79	66	67	60	54
<i>Bases</i>	167	176	131	147	156	178

Fonte: EVS 1999.

Em todos os grupos etários, a crença em Deus mantém-se em proporções bastante altas, apesar de se apreciar nas idades menores um declínio progressivo mas suave. No entanto, a não crença é muito baixa em todos os grupos de idade. A crença na vida depois da morte essencialmente mantém-se ao longo dos mesmos; as oscilações apreciadas, sendo moderadas, não marcam uma tendência clara. Portanto, não nos parece que esta crença diminua em consequência das mudanças geracionais, e neste momento é difícil prever que possa mudar a curto prazo, dada a estabilidade observada.

Aquilo que diminui claramente é a crença no inferno e no pecado: tal como podemos observar nas sociedades individualizadas (católicas ou protestantes) da Europa ocidental, não resulta surpreendente numa sociedade como a portuguesa, que — apesar das suas taxas de religiosidade — é

bastante céptica em relação à vida depois da morte. A queda mais importante na crença no inferno é apreciada entre o grupo dos que nasceram na década de 60.

Observamos, portanto, que as mudanças geracionais, à medida que se sucedem e provocam uma perda de intensidade e importância da religiosidade, vão reconfigurando ligeiramente as crenças. Alguns pequenos contingentes de indivíduos vão deixando de aceitar como plausível a existência de Deus, abandonando-se em maior medida a ideia do castigo ultraterreno, assim como a concepção do ser humano como uma criatura pecadora.

As tendências aqui apresentadas, apontando para uma descida da religiosidade institucional e, em particular, da prática religiosa, são congruentes com os resultados apresentados noutros trabalhos. Por exemplo, Villaverde Cabral dá conta do declínio «inter» e «intra»geracional da prática religiosa (Villaverde Cabral, 2001). Leonor Pires e Marinho Antunes encontram nítidas diferenças intergeracionais que se traduzem num «afastamento dos mais jovens das crenças, práticas, valores e critérios de vida religiosos» (Pires e Antunes, 1998). Ainda Machado Pais escreve: «Verificamos também que entre os jovens encontramos um maior afastamento entre as formas tradicionais da religiosidade» (Machado Pais, 2001, p. 232). Finalmente, de acordo com os resultados do recenseamento da prática dominical (Teixeira, 2005), observa-se entre os assistentes à missa um envelhecimento progressivo desde 1977, o que confirma que a prática religiosa se ressentiu principalmente devido ao maior absentismo dos mais jovens.

Esta evolução de Portugal contrasta com a espanhola no facto de ser muito mais moderada. Enquanto em Portugal verificamos a transição de uma religiosidade mais forte para uma mais intensa, em Espanha a mudança religiosa (em termos de secularização) encontra-se num estágio mais avançado; transita-se de uma religiosidade *light* (que é, há décadas, amplamente maioritária) para a saída de uma religião de Igreja ou religião institucional (Díaz-Salazar, 1994). O que muda essencialmente em Espanha é a intensidade e a velocidade com que a população se afasta da Igreja e dos aspectos relacionados com a dimensão institucional da religiosidade. Pelo contrário, Portugal é o país mais ligado a essa instituição em toda a Europa. Em Espanha, a partir do meio da década de 90, os contingentes da população que se identificam como sendo católicos e/ou não se identificam com a religião ou como crentes aumentam de forma lenta embora progressiva. Esta tendência, relativamente recente em Espanha, não só não foi ainda detectada em Portugal, como não há indícios de que venha a acontecer num curto ou médio prazo, tendo em conta a evolução espanhola e o aumento tardio da não crença, que apenas se observa depois de várias décadas de descida forte e progressiva dos níveis de religiosidade institucional.

Em Espanha, a emergência da irreligiosidade (enquanto fenómeno novo e em crescendo desde a segunda metade da década de 90) parece estar relacionada com a emergência da «segunda geração» da mudança religiosa. Muitos dos não crentes espanhóis de hoje (isto é, os observados nos inquéritos, pessoas com 18 ou mais anos e similares) são filhos de pais que se consideram a si próprios pouco religiosos — mas religiosos na sua imensa maioria —, nascidos durante os anos 40 e (sobretudo) 50 do século xx, educados num ambiente familiar com escassa ou nula presença da religião, em grande parte devido a que os pais não colocavam grande empenho numa educação religiosa nem consideravam que esta fosse uma prioridade educativa. Esta tese é suportada pela observação de que são precisamente aqueles que nasceram durante os anos 60 e 70 do século xx os menos religiosos, sendo que a maioria deles viveu a adolescência num ambiente pouco religioso. Este fenómeno começa a crescer e a vulgarizar-se em Espanha a partir da segunda metade dos anos 70, aumentando a sua progressão nas décadas de 80 e 90 — parecendo hoje não ter ainda alcançado o seu tecto. Se esta hipótese for correcta, e se em Portugal continuarem a afirmar-se as tendências aqui analisadas, será difícil pensar que as identidades não religiosas em Portugal aumentem num curto ou médio prazo; no entanto, é mais do que provável que se estejam a criar as condições para que essa não crença aumente no futuro, na medida em que diminui a prática religiosa e a importância da religião na vida dos portugueses nascidos a partir de 1960. Estes, provavelmente, estarão a educar os filhos hoje de um modo muito menos religioso do que no passado, dando origem a segmentos populacionais cada vez menos religiosos. Com a diferença, no entanto, de que hoje a presença social da Igreja é mais patente e poderosa do que na Espanha dos anos 80 e 90 do século xx, o que significa que o ambiente social onde os nascidos nas décadas de 60 e seguintes se socializam é mais religioso do que o ambiente onde os espanhóis dos anos 40 e 50 educaram os filhos.

O que terá acontecido em Espanha para que a socialização religiosa se tenha revelado tão diferente? Noutras palavras, o que é que explica as importantes diferenças observadas nos níveis de religiosidade da Espanha e de Portugal?

Vamos trabalhar a hipótese de que a modernização cultural é um importante factor explicativo (entre outros) das diferenças observadas, na medida em que mantém uma relação estreita com os processos de erosão do catolicismo europeu.

A EXPLICAÇÃO SÓCIO-CULTURAL PARA A DISSOLUÇÃO RELIGIOSA

768 A principal causa para esta situação desigual poderá estar relacionada com os diferentes graus de modernização cultural de ambos os países.

Noutras palavras, se em relação aos valores, sensibilidades e orientações sócio-culturais os espanhóis são mais modernos, é expectável que se emancipem em maior medida da Igreja. A Igreja Católica mostrou, historicamente e até à data, ser uma das principais forças de oposição aos movimentos e tendências modernizadores. Daí que a tensão entre religião e modernização tenha sido historicamente importante no mundo católico.

Hoje em dia, a doutrina da Igreja opõe-se a determinados valores e comportamentos assumidos no seio de mentalidades modernas, por exemplo, na sexualidade (questão que resulta especialmente paradigmática do confronto de visões do mundo e sensibilidades morais), mas também noutras, como o divórcio, a bioética, a eutanásia, a homossexualidade, os novos modelos familiares, etc. A minha tese aqui é a de que as fricções se vão agravando à medida que a sociedade avança em direcção a uma constelação de valores, crenças e sensibilidades não especificamente religiosos a que a Igreja se opõe porque os considera negativos. Está por descobrir, no entanto, se esse agravamento também está a ocorrer em Portugal. A reacção dos cidadãos de países como a Espanha, França, Bélgica e Áustria é a do abandono progressivo da religião, em primeiro lugar, através do relaxamento das suas práticas (situação onde se encontra hoje Portugal) e, depois, concedendo escassa importância à religião nas suas vidas (tendência também verificada em Portugal, embora de forma menos visível), para, finalmente, se desvincularem da identidade e da crença religiosa. Estes distanciamentos (graduais) da religião podem ser concebidos como formas de redução da dissonância cognoscitiva entre as crenças e valores religiosos e os restantes, à medida em que se vão assumindo (quanto mais se assumem, maior distanciamento e desvinculação religiosa). Se a assimilação e a interiorização destes valores são mais elevadas em Espanha, será, portanto, mais difícil manter uma prática e uma identidade religiosa do que em Portugal; em consequência, o marco social é propício para que a religiosidade perca cada vez mais poder, até dar lugar a identidades não religiosas.

Para comprovar a certeza desta afirmação seria necessário encontrar um indicador adequado de modernização cultural e observar as posições dos distintos países em relação ao seu nível de religiosidade. No entanto, será necessário antes delimitar conceptualmente o que é que entendemos aqui por «modernização». Esta pode ser concebida como uma macrotendência, uma constelação de fenómenos interligados na esfera axiológica, isto é, no âmbito dos valores, das crenças, das sensibilidades e atitudes dos indivíduos, portanto estreitamente relacionada com os comportamentos. Algumas das conceptualizações mais notórias são encontradas nas propostas de Ronald Inglehart (Inglehart, 2004) e Loek Halman (Halman, Ester e de Moor, 1994). Tomando inspiração nos trabalhos de ambos os autores — e também nas teses pioneiras

de Abraham Maslow, penso ser pertinente considerar, pelo menos, duas dimensões desta macro-tendência. Consideraria, em primeiro lugar, uma dimensão (a primeira macro-tendência) que coincidiria com o conceito de individualização social de Halman. Entendemos por individualização o processo social graças ao qual a influência de princípios tradicionais e das instituições no indivíduo vai diminuindo a favor da sua autonomia, liberdade e desejos de auto-expressão.

Entendo a individualização como um processo histórico e social onde os valores, as crenças, as atitudes e os comportamentos são orientados por escolhas pessoais e são menos dependentes da tradição e das instituições sociais. A felicidade pessoal é um dos princípios que guiam as acções daqueles que são sensíveis a esta macro-tendência. «A racionalização da sociedade, a decrescente importância dos valores e das instituições tradicionais, o processo paralelo de secularização, a tendência geral para a pluralização de visões do mundo e desenvolvimentos como a crescente emancipação, democratização e autodeterminação estão estreitamente ligados com o processo de individualização» (Halman, 1994). Consiste, essencialmente, numa maior autonomia nos comportamentos e formas de pensar, que se desenvolvem de forma cada vez mais independente das influências das diversas instituições, formas de autoridade e princípios normativos tradicionais, aos quais se opõem porque constituem a sua antítese. Aqueles que adoptam estes novos valores são sensíveis à independência, ao desenvolvimento de critérios próprios e racionalizados à margem do estabelecido, valorizam a imaginação, o autodomínio face à obediência... Em suma, consiste na ideia de que o controlo de atitudes e comportamentos é exercido pelo próprio indivíduo, de acordo com critérios pessoais, e não com preceitos externos, como ideologias políticas ou religiosas, ou qualquer forma de autoridade social ou moral.

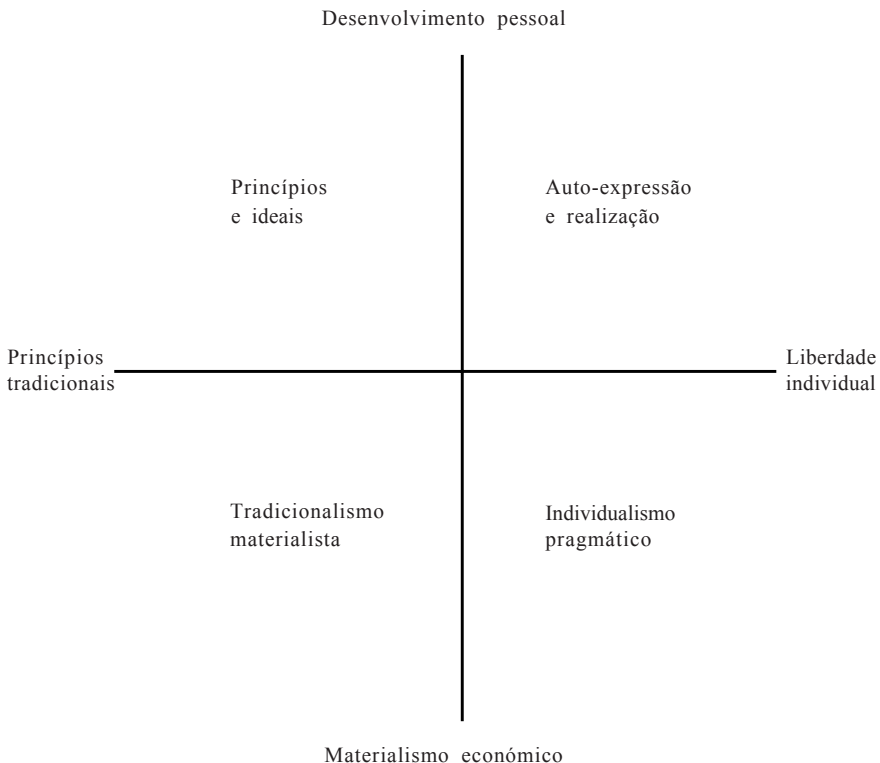
Uma segunda dimensão remete para aquilo que Inglehart procurou, ao longo de décadas, na sua definição de «pós-materialismo» e cuja ideia embrionária se relaciona com a teoria das motivações humanas de Maslow. Segundo Maslow, à medida que se vão satisfazendo as necessidades mais básicas, vão surgindo necessidades ou motivações mais complexas, de maneira que se pode estabelecer uma pirâmide motivacional onde os indivíduos tendem a priorizar as necessidades superiores à medida que vão satisfazendo as inferiores (fisiológicas, de segurança, de pertença, de estima... até culminarem na auto-realização pessoal). Inglehart, inspirado nesta ideia, desenvolveu a ideia de que, depois da segunda guerra mundial, o bem-estar económico nas sociedades industriais avançadas produziu uma mudança progressiva onde se deixava de enfatizar as prioridades baseadas no bem-estar material a favor de outras prioridades «pós-materialistas» baseadas na auto-

-expressão e na realização pessoal. Proponho aqui utilizar estas duas dimensões descritas como sendo constitutivas da modernização cultural: a «individualização» e esta outra relacionada com um declínio das prioridades materiais (fundamentalmente económicas) face a outros valores e prioridades que apelidaremos de «não materiais» e relacionados com a auto-expressão e as ambições de desenvolvimento pessoal e (talvez) realização.

Ao analisar os resultados do último inquérito mundial de valores, Inglehart também utiliza duas dimensões da mudança cultural semelhantes a estas que aqui proponho: opõe a mentalidade racional-secular à tradicional e a sobrevivência aos desejos de auto-expressão. Preferi, neste caso, trabalhar com os meus próprios indicadores — apesar de se obterem, com os indicadores de Inglehart, resultados semelhantes.

Com 26 indicadores da EVS 1999-2000, e com a ajuda da análise factorial dos componentes principais, realizaram-se várias provas até se dar com dois factores (variáveis) que se comportam razoavelmente bem como indicadores dos conceitos acima descritos. No gráfico em baixo resume-se o significado dos quadrantes obtidos³ (v. gráfico n.º 1).

[GRÁFICO N.º 1]



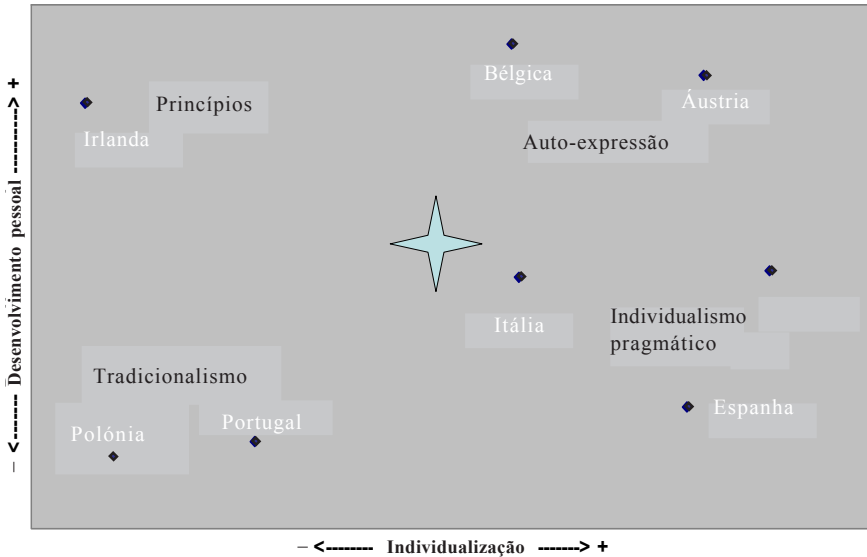
O eixo horizontal representa o factor que opõe a liberdade e a autonomia individual (à direita no quadro) face aos princípios tradicionais. É o indicador que se identifica com o conceito de individualização de Halman; quanto maior a «individualização», maior a pontuação no pólo positivo (o da «liberdade individual»). O eixo vertical representa o factor que opõe o materialismo económico (em baixo) ao desenvolvimento pessoal e às motivações não económicas. O significado do espaço pode ser resumido em grandes rasgos a partir da diferenciação de cada um dos quatro quadrantes. O quadrante compreendido entre os princípios tradicionais e o materialismo económico é o dos valores e sensibilidades do tradicionalismo materialista. Este quadrante diferencia-se do quadrante superior esquerdo fundamentalmente no sentido de que neste não se dá prioridade às motivações de tipo económico e, em consequência, poderão ter lugar outras motivações não materiais, onde encontramos o desejo de superação e desenvolvimento pessoal. Estes partilham com os anteriores uma maior inclinação pelos princípios do que pela liberdade pessoal — tratando-se aqui da área dos princípios e dos ideais. A religião continua a ter força neste quadrante, assim como a política (mais do que noutros espaços) e os princípios morais. No quadrante superior direito, definido pelo desenvolvimento pessoal e pela liberdade individual, entramos no domínio da auto-expressão e realização. Coincide, essencialmente, com o perfil dos pós-materialistas de Inglehart, indivíduos que combinam sensibilidades e valores das duas dimensões da modernização sócio-cultural. No quadrante inferior direito combinam-se as sensibilidades materialistas com os valores da individualização. Trata-se de uma forma de materialismo moderno, onde os princípios e os ideais cederam ao pragmatismo e ao desejo de bem-estar.

Utilizando este esquema, podemos analisar as diferenças sócio-culturais dos oito países estudados. Através das médias das pontuações de cada país em cada um dos dois factores, obtemos o gráfico n.º 2.

No quadrante tradicionalista temos Portugal e a Polónia — países que se diferenciam entre si porque a Polónia se encontra mais próxima do pólo dos princípios tradicionais. A Irlanda partilha com estes países uma forte inclinação para os princípios tradicionais, mas distancia-se dos mesmos na sua elevada pontuação no factor de desenvolvimento pessoal. Os irlandeses diferenciam-se dos polacos e dos portugueses apesar de parecerem homogéneos à luz dos indicadores de religiosidade. A Bélgica e a Áustria situam-se no quadrante da auto-expressão, enquanto a França, a Espanha e a Itália se situam no quadrante do individualismo pragmático. A Itália assume uma posição menos diferenciada, próxima do centro do espaço, enquanto a França e a Espanha têm pontuações altas no plano da individualização. As diferenças entre estes dois últimos países são que a Espanha se encontra mais em baixo, o que indicia uma maior orientação para as prioridades económicas.

Países no mapa dos valores

[GRÁFICO N.º 2]



As diferenças entre Portugal e a Espanha não são importantes no que se refere ao materialismo ou desenvolvimento pessoal (têm pontuações parecidas). Aquilo que as distingue é a individualização social, dimensão onde efectivamente se aprecia uma distância importante entre ambos.

Por outro lado, apreciamos no gráfico que o eixo horizontal parece ser bastante adequado para explicar os distintos níveis de religiosidade observados nos distintos países, no sentido em que se tende a cumprir o preceito de que, quanto maior o grau de individualização, menor o grau de religiosidade. Há poucas excepções a esta regra, destacando-se essencialmente que a Itália tem uma pontuação similar à da Bélgica, sendo mais religiosa do que esta. De qualquer modo, cumpre-se a proposta de que, «quanto maior a individualização, maior a religiosidade». Não se aprecia, no entanto, uma relação entre o eixo do desenvolvimento pessoal e o da religiosidade. A relação entre modernidade e religiosidade evidencia-se quando analisamos os coeficientes de correlação (r de Pearson) entre individualização e diversos indicadores de religiosidade (v. quadro n.º 7).

Tanto em Portugal e Espanha como no conjunto dos oito países é evidente a força da relação entre o factor «individualização» e «religiosidade». (No entanto, resultaram bastante mais baixas ou nulas as relações entre desenvolvimento pessoal e religiosidade — razão pela qual não são

Correlações entre individualização e indicadores
de religiosidade

[QUADRO N.º 7]

	Média	Espanha	Portugal
Confiança na Igreja	-0,486	-0,572	-0,381
Importância da religião	-0,456	-0,484	-0,330
Fé religiosa	-0,466	-0,470	-0,346
Pessoa religiosa	-0,347	-0,435	-0,218
Importância de Deus na sua vida	-0,428	-0,481	-0,407

Fonte: EVS 1999-2000.

aqui apresentadas, considerando que são um factor explicativo muito mais secundário.) A relação é cumprida em todos os indicadores, apesar de haver oscilações entre eles — oscilação cuja interpretação é supérflua para o caso que aqui abordamos. A relação é especialmente alta em Espanha e mais baixa para Portugal (apesar de ser também importante). Noutras palavras, a nível interno de cada país — tal como no conjunto dos oito países católicos — cumpre-se a ideia de que, «quanto maior o grau de individualização de uma pessoa, menor o seu grau de religiosidade». O que as correlações nos dizem é congruente com o que se observa na análise das médias das pontuações factoriais na individualização, segundo os distintos indicadores de religiosidade. Seguidamente, apresentamos estas médias, não tanto no sentido de verificar as propostas aqui apresentadas, mas sim de ilustrar o grau de individualização das distintas modalidades de resposta dos indicadores sobre religião (v. quadro n.º 8).

Aqueles que afirmam que a religião é (muito ou bastante) importante nas suas vidas têm pontuação negativa, o que significa que estão mais próximos do pólo dos princípios do que do pólo da liberdade pessoal (mais aqueles que dizem «muito» e algo menos os que dizem «bastante»). Entretanto, os que respondem «não muito» ou «nenhum» têm signo positivo, o que significa que se encontram próximos do pólo da liberdade individual. Ambas as situações se verificam tanto em Espanha como em Portugal. O mesmo sucede em relação à confiança na Igreja. As categorias de resposta são as mesmas. Aqueles que dizem ser pessoas religiosas tanto em Espanha como em Portugal têm pontuações negativas, enquanto aqueles que afirmam ser pessoas não religiosas ou ateias convictas têm pontuações positivas. Não devemos igualmente ignorar que em Portugal há poucas pessoas que afirmam que não confiam na Igreja, que a religião não lhes importa ou que se consideram pessoas não religiosas ou ateus convictos. Em qualquer dos casos, estas minorias revelam ser indivíduos com pontuações em matéria de modernização cultural similares àquelas observadas em Espanha.

Em relação à frequência da missa, em Portugal apenas deixam de pontuar negativamente aqueles que nunca assistem. Há que ter em conta, no entanto, que a média portuguesa é negativa (-0,26), enquanto em Espanha a pontuação média é positiva (+ 0,20). Um dado interessante do quadro é verificar que a assistência mensal à missa coincide com a pontuação média da individualização para Portugal. São mais conservadores do que a média aqueles que assistem com uma frequência semanal e mais modernos aqueles que assistem ocasionalmente ou nunca. Por outro lado, o quadro também mostra a estreita concomitância entre a assistência à missa e o grau de individualização. Isto indica que a diminuição da assistência à missa experimentada pode estar relacionada com o crescente processo de individualização social, tal como acontece com os restantes indicadores de religiosidade.

Individualização segundo as variáveis de religiosidade
(pontuações factoriais)

[QUADRO N.º 8]

	Espanha	Portugal
Importância da religião:		
Muita	-0,59	-0,68
Bastante	-0,30	-0,22
Não muita	0,14	0,41
Nenhuma	0,32	0,85
Identidade:		
Pessoa religiosa	-0,34	-0,22
Não religiosa	0,11	0,56
Ateu convicto	0,39	1,49
Assistência à missa:		
Mais de uma vez por semana	-0,66	-0,73
Uma por semana	-0,48	-0,53
Mensal	-0,24	-0,20
Ocasionalmente/anual	-0,15	0,07
Menos de uma vez por ano	-0,14	0,39
Nunca	0,04	0,91
Tipo de Deus:		
Eclesiais	-0,61	-0,67
Atenuados	-0,18	-0,14
Centrífguos	-0,01	0,31
Irreligiosos	0,36	0,86

Relativamente às ideias acerca de Deus, as médias das pontuações factoriais indicam que em Portugal aqueles que se inclinam mais para o mundo dos princípios são quem mais concebe um Deus pessoal. Por outro lado, os que não acreditam em Deus ou o concebem como um espírito ou

força vital são modernos. O mesmo padrão é observado no caso espanhol. No entanto, a categoria de resposta «não sei o que pensar» é tradicional em Portugal e muito individualizada em Espanha. Neste país é uma posição conotada com o agnosticismo, enquanto em Portugal não parece ser assim, aparecendo associada àqueles que não encontram a categoria de resposta adequada ou não entendem as categorias existentes.

Em último lugar, as médias por tipologia de religiosidade⁴ revelam em Portugal que os tipos eclesiais e atenuados estão mais próximos do pólo dos princípios (muito mais no caso dos eclesiais), enquanto aqueles que apresentam perfis de religiosidade com escassa confiança na Igreja se situam precisamente na média dos oito países; sob esta perspectiva, portanto, não podem ser apelidados de tradicionais. Os mais individualizados são os não religiosos.

Tendo ficado suficientemente claro que o grau de individualização interiorizado por um indivíduo (seja espanhol, português ou de outros países católicos) prevê, probabilisticamente, o seu menor nível de religiosidade, a pergunta que se segue será se estamos perante um processo dinâmico e em marcha ou perante uma situação onde a individualização não está a ganhar posições a cada dia que passa. Neste último cenário não haveria motivos para pensar que a religiosidade em Portugal se dissolveria num futuro a médio prazo; o contrário aplicar-se-ia no primeiro cenário.

Não dispomos, infelizmente, de dados evolutivos que nos permitam verificar este pressuposto. Podemos, no entanto, tratar esta questão a partir das diferenças geracionais num ponto concreto do tempo (v. quadro n.º 9).

Pontuações em individualização e desenvolvimento pessoal por grupos geracionais em Portugal

[QUADRO N.º 9]

	Individualização	Desenvolvimento pessoal
Até 1929	-0,61	-0,57
1930-1939	-0,54	-0,52
1940-1949	-0,37	-0,25
1950-1959	-0,21	-0,31
1960-1969	-0,16	-0,26
1970-1979	0,14	-0,22

Os dados apresentados constataam que as várias gerações de portugueses se afastam progressivamente dos valores e sensibilidades associados a princípios tradicionais e tendem a individualizar-se cada vez mais. Fazem-no, além do mais, num ritmo considerável, sendo de destacar que aqueles que

nasceram a partir de 1970 deixam de pontuar negativamente no factor para passarem a fazê-lo positivamente, em convergência com os seus vizinhos espanhóis e com outros coetâneos europeus. Não só a individualização avança em Portugal, como também este se afasta das sensibilidades económicas em direcção às motivações de desenvolvimento pessoal, apesar de lhe restar ainda um longo caminho a percorrer nesta dimensão, tendo em conta o baixo nível de que partiu. Os dados indicam, portanto, que os processos de modernização cultural estão também a evoluir em Portugal.

As implicações deste facto no campo da religiosidade apontam para que esta se vá desvanecendo e perdendo influência à medida que a sociedade portuguesa progride na sua modernização, tal como aconteceu com outros países católicos. Salvo se ocorrerem acontecimentos não previstos — tal como uma mudança de rumo na Igreja Católica, tornando-se capaz de inverter a correlação entre individualização e religiosidade, o que não parece que vá a acontecer — no cenário imaginável e previsível de hoje.

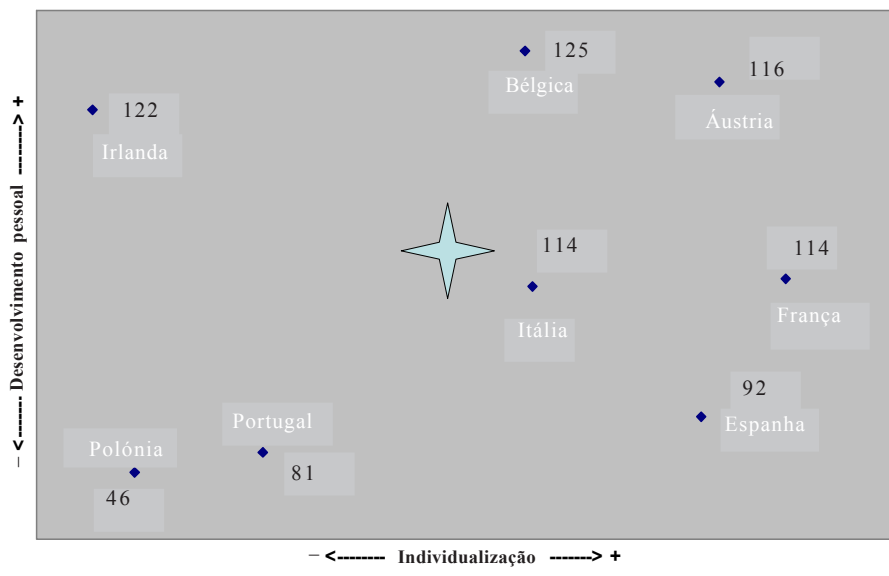
No entanto, perguntamo-nos: qual é o motor da modernização cultural? Por que é que está em curso esse processo? De acordo com as teorias reconhecidas nos inquéritos tradicionais de valores, é a modernização estrutural que determina e impulsiona a mudança nas mentalidades: os processos de urbanização, industrialização, o desenvolvimento social (educação, saúde) e o desenvolvimento económico permitem alcançar determinadas quotas de bem-estar. Neste contexto, será relevante observar que Portugal é o país que alcança o menor desenvolvimento urbano dos oito analisados, com 64% da sua população a viver em municípios com menos de 10 000 habitantes e apenas 13% a viver em municípios com 100 000. A Espanha, país eminentemente rural nos anos 60 do século XX, apenas conta com 25% da sua população a viver em municípios com menos de 10 000 habitantes e com 42% a residir em municípios com mais de 100 000 (dados da EVS 1999). Também é particularmente baixo o nível de instrução em Portugal: 41% dos maiores de 18 anos interromperam os estudos antes de cumprirem os 13 anos (portanto, aos 12 ou menos); em Espanha o número equivalente é de 19% (dados da EVS 1999). Níveis de instrução baixos são concomitantes com baixos níveis de individualização e desenvolvimento pessoal, para além de revelarem baixos níveis de desenvolvimento económico.

Isto leva-nos a pensar que o baixo nível de desenvolvimento económico de Portugal explica (ou pelo menos prediz) os seus baixos níveis de individualização e desenvolvimento pessoal. Daqui deduzimos, se a hipótese for correcta, que, quanto maior o nível de desenvolvimento económico, menor a religiosidade, como efeito indirecto. Para comprovar esta hipótese procedemos ao estabelecimento da relação dos indicadores de modernização cultural com um indicador de bem-estar económico de cada país — o pro-

duto interno bruto *per capita*, ponderado pela paridade do poder de compra⁵ (v. gráfico n.º 3).

Relação entre o PIB *per capita* (PCC) e a sócio-cultura

[GRÁFICO N.º 3]



No gráfico observamos que existe uma estreitíssima relação entre o bem-estar económico e o factor de desenvolvimento pessoal, oposto à segurança económica. Noutras palavras, a maior PIB *per capita*/PPC segue-se uma pontuação maior no factor referido. A relação é quase perfeita e tem poucas (e pouco importantes) objecções (as posições da Irlanda e da Áustria invertem-se no *ranking*, mas mantêm-se muito igualadas). A relação acaba por ser lógica, sendo de esperar que os valores e sensibilidades relacionados com a economia se transformem à medida que a economia progride. No entanto, não se aprecia a mesma relação entre a individualização e o bem-estar. *Grosso modo* (e sendo optimistas), podemos dizer que existe uma certa relação: no hemiplano direito há uma concentração de países com índices económicos altos e uma concentração no sentido contrário no outro hemiplano. Encontramos, no entanto, duas importantes excepções: o caso espanhol (demasiado individualizado para o que se esperaria, dado o seu desenvolvimento económico) e o caso irlandês (demasiado pouco individualizado, dado o seu alto nível de desenvolvimento).

Com isto deduzimos que o desenvolvimento económico é capaz de prever as orientações em direcção ao desenvolvimento, mas prever pior os níveis de

individualização alcançados. É evidente que será necessário procurar outras causas e factores que nos expliquem melhor o avanço da individualização.

Em Espanha o alto nível de individualização não se explica apenas pelo nível de bem-estar. Talvez a ideologia política também possa explicar este aspecto parcialmente, dado que os valores da modernidade individualizada têm a ver com os ideais políticos de liberdade, emancipação das relações de dependência, escravidão e alienação, já para não falar dos ideais libertários e anarquistas que tiveram maior impacto do que noutros lugares — aparecendo agora metamorfoseados nos altos níveis de permissividade moral e na eclosão individualizadora que atravessa este país. Isto, claro, sem negligenciar a procura de outras explicações de factos mais recentes que nos ajudem a explicar processos concomitantes à individualização — como a forte expansão do hedonismo, os fortes desejos de lazer e diversão e/ou a consolidação de uma subcultura juvenil ao longo de décadas — estreitamente vinculados a estes valores. Em Portugal os baixos níveis de modernização cultural também não são explicados pelos níveis de bem-estar e é necessário recorrer a outros factores, tais como a forte inclinação para a cultura do trabalho e a importância que lhe é atribuída.

CONCLUSÕES

Os rasgos que caracterizam o catolicismo português são uma elevadíssima confiança na instituição eclesial, uma identidade católica alta, uma prática religiosa não tão alta como a sua identidade (embora superior à média do conjunto dos países comparados) e um alto nível de crença em Deus. Constatase, no entanto, uma queda «inter» e «intra»geracional da prática religiosa e um avanço em direcção a uma religiosidade mais atenuada, de menor importância na vida dos indivíduos, com crenças mais dissolutas, apesar de até agora a irreligiosidade não ter avançado. Neste sentido, a religiosidade dos portugueses mantém-se alta (nas práticas, atitudes em relação à Igreja e na autopercepção das pessoas como religiosas) numa óptica europeia, contrastando com a situação da Espanha, que é muito menos religiosa.

As diferenças na religiosidade podem ser previstas em grande parte através do grau de interiorização dos valores da individualização social, altamente desenvolvidos em sociedades como a França ou a Espanha (e escassamente em Portugal, na Polónia ou na Irlanda). A alta religiosidade portuguesa explica-se, neste sentido, pelo menor desenvolvimento desta dimensão da modernização cultural.

No entanto, as tendências de modernização cultural parecem afirmar-se e consolidar-se em Portugal, em convergência com os restantes países que o rodeiam. O processo de individualização parece ser especialmente dinâmico

no campo das diferenças intergeracionais, pelo que resulta plausível imaginar um cenário a médio prazo onde a dissolução da religiosidade católica avance. Não se detectam, no entanto, indícios que nos façam pensar que Portugal esteja prestes a assistir a um processo tão intenso como o experimentado em Espanha ou, antes disso (e com maior intensidade ainda), em França. Parece mais provável que as dinâmicas sócio-culturais e religiosas actualmente em curso aproximem Portugal mais de um modelo italiano do que de um espanhol.

ANEXO

ANÁLISE FACTORIAL DOS PRINCIPAIS COMPONENTES

Sobre o *input* (explicação das variáveis utilizadas)

Os 26 indicadores que constituíram o *input* da análise são os que se seguem. A sua escolha no conjunto de perguntas do inquérito foi determinada pela sua adequação à contribuição operativa das duas dimensões pretendidas.

[QUADRO A1]

Nome da variável	Conceito abreviado
maneiras	boas maneiras
independ	independência
trabduro	trabalho duro
respons	responsabilidade
imagin	imaginação
poup	espírito de poupança
perseve	perseverança
obedien	obediência
ferelig	fê religiosa
naodindeiro	dinheiro não importante
naotrabalho	trabalho não importante
autorid	respeito pela autoridade
trrendim	rendimentos importantes no trabalho
trseguro	segurança no trabalho
Mrendim	rendimentos importantes no casamento
msexo	sexo importante no casamento
impoli	política importante
ilazer	lazer importante na vida
conf em instituições	confiança nas instituições
aborto	permissividade aborto
drogas	permissividade drogas
casual sex	permissividade sexual
volunt	voluntário
actpoli	voluntário em actividades políticas
cultur	prática actividades culturais
sports	prática actividades desportivas

As nove primeiras variáveis, *maneiras, independ, trabduro, respons, imagin, poup, perseve, obediem, fereilig*, foram extraídas do conjunto de valores instrumentais de Rokeach — qualidades que se podem desenvolver nas crianças na esfera doméstica. P49 (menciona = 1; não menciona = 0). O conjunto também incluía outros itens que, após sucessivas provas, foram excluídos da análise por serem pouco discriminatórios ou por incluírem matizes não desejáveis nas dimensões. São aqueles indicadores que estruturam essencialmente a primeira dimensão (a individualização).

As três seguintes, «naodindeiro», «naotrabalho» e «autoridade», incluíam-se no conjunto de valores pós-materialistas e materialistas. P57: «Tenho aqui uma lista de várias mudanças que se podem produzir no nosso modo de vida num futuro próximo. Diga, por favor, para cada uma delas, se acha que seria uma mudança boa, má ou irrelevante»:

- Naodindeiro. P57A: «Que se dê menos importância ao dinheiro e aos bens materiais» (uma boa coisa = 1; resto = 0).
- Naotrabalho. P57B: «Que diminua a importância do trabalho nas nossas vidas» (uma boa coisa = 1; resto = 0).
- Autorid. P57E: «Que se produza um maior respeito pela autoridade» (uma boa coisa = 1; resto = 0).

As duas seguintes, «treceit» e «treseg», são oriundas de um conjunto de itens que medem as atitudes em relação ao trabalho. P13: «Aqui apresentamos alguns aspectos do trabalho que as pessoas identificaram como sendo importantes. Veja e diga quais são importantes para si»:

- Trrendim. P13A: bons rendimentos; aspectos importantes num trabalho (menciona = 1; resto = 0).
- Trseguro. P13E: boa segurança no emprego; aspectos importantes num trabalho (menciona = 1; resto=0).

As duas seguintes, «mreceit» e «msexo», são oriundas de outro conjunto que mede o grau de importância atribuído a diversos aspectos, tendo em vista o sucesso de um matrimónio. P40. As categorias de resposta são muito importante, bastante importante ou não muito importante:

- Mrendim. P40B: rendimentos adequados, importância para o sucesso num matrimónio (muito = 3; bastante = 2; não muito = 1; NS/NR = 2).
- Msexo. P40J: uma relação sexual feliz, importância para o sucesso num matrimónio (muito = 3; bastante = 2; não muito = 1; NS/NR = 2).

As duas seguintes, «impoli» e «ilazer», medem a importância que a política e o lazer têm na vida das pessoas:

- Impoli. P1E: importância da política na vida (muita = 4; bastante = 3; não muita = 2; nenhuma = 1; NS/NR = média).
- Ilazer. P1D: importância do lazer na vida (muita = 4; bastante = 3; não muita = 2; nenhuma = 1; NS/NR = média).

«Conf em instituições» é uma construção factorial que mede o grau de confiança nas instituições sociais construído com o conjunto da P58 (de confiança em 14 institui-

ções), excluindo a confiança na Igreja. O critério de extracção foi o de apenas um factor, não rotado. Valores: muita = 4; bastante = 3; não muita = 2; nenhuma = 1; NS/NR = média).

Aborto (P65I), drogas (P65D) casual sex (P65F) são, respectivamente, indicadores de permissividade perante o aborto, o consumo de droga, marijuana ou haxixe e permissividade perante ter uma aventura fora do matrimónio entre homens e mulheres casados. Mede-se perante uma escala de 1 a 10 (1 = nunca se justificaria; 10 = sempre se justificaria; o valor NS/NR foi recalculado com a média).

«Volunt»: trabalharam como voluntários, grátis, em alguma das organizações da lista (P5), excluindo organizações religiosas, sindicatos, grupos políticos, desportivos e associações profissionais (1 = menciona alguma; 0 = não menciona).

«Actpoli»: trabalharam como voluntários, grátis, em sindicatos ou partidos políticos (1 = menciona alguma; 0 = não menciona).

«Cultur»: P5C, actividades educativas, artísticas, musicais ou culturais; pertença a associações que praticam estas actividades (1 = menciona; 0 = não menciona).

«Sport»: P5K, desportos ou actividades recreativas; pertença a associações que praticam estas actividades (1 = menciona 0 = não menciona).

Sobre a análise (descrição dos pormenores técnicos).

Análise factorial das componentes principais com rotação Varimax. Como critério de extracção foi necessário extrair dois factores.

Comunalidades

[QUADRO A2]

	Inicial	Extracção
maneiras	1,000	0,094
independ	1,000	0,211
trabduro	1,000	0,091
respons	1,000	0,049
imagin	1,000	0,174
poup	1,000	0,083
perceve	1,000	0,109
obedien	1,000	0,157
naodindeiro	1,000	0,022
naotrabalho	1,000	0,062
autorid	1,000	0,211
trrendim	1,000	0,052
trseguro	1,000	0,064
mrendim	1,000	0,057
msexo	1,000	0,013
ferelig	1,000	0,219
impoli	1,000	0,201
ilazer	1,000	0,089
conf em instituições	1,000	0,162
aborto	1,000	0,393
drogas	1,000	0,390
casual sex	1,000	0,465
volunt	1,000	0,447
actpoli	1,000	0,218
cultur	1,000	0,445
sports	1,000	0,152

Método de extracção: análise das componentes principais.

[QUADRO A3]

Componente	Variação total explicada (autovalores iniciais)		
	Total	Percentagem da variação	Percentagem acumulada
1	2,94	11,32	11,32
2	1,69	6,49	17,81
3	1,45	5,56	23,37
4	1,30	4,99	28,36
5	1,20	4,61	32,97
6	1,17	4,50	37,47
7	1,15	4,42	41,88
8	1,11	4,25	46,13
9	1,05	4,03	50,16
10	0,98	3,78	53,94
11	0,95	3,67	57,60
12	0,88	3,40	61,01
13	0,88	3,38	64,38
14	0,86	3,32	67,71
15	0,84	3,22	70,93
16	0,81	3,11	74,04
17	0,79	3,04	77,08
18	0,78	2,99	80,07
19	0,76	2,93	83,00
20	0,75	2,90	85,90
21	0,72	2,76	88,66
22	0,69	2,65	91,31
23	0,63	2,44	93,75
24	0,58	2,21	95,97
25	0,55	2,10	98,07
26	0,50	1,93	100,00

Método de extracção: análise das componentes principais.

Matriz de componentes (a)

[QUADRO A4]

	Componente	
	1	2
casual sex	0,612	-0,302
drogas	0,576	-0,240
aborto	0,569	-0,265
independ	0,458	0,028
autorid	-0,425	0,175
imagin	0,417	-0,022
ferelig	-0,410	0,226
obedien	-0,394	-0,046
perseve	0,327	0,050
maneiras	-0,303	-0,046
trabduro	-0,290	-0,082
poup	-0,284	-0,050
ilazer	0,267	0,133
naotrabalho	0,247	-0,030

	Componente	
	1	2
trseguro	-0,240	-0,077
mrendim	-0,239	0,013
respons	0,204	0,086
msexo	0,114	0,015
volunt	0,196	0,639
cultur	0,295	0,598
actpoli	0,132	0,448
impoli	0,265	0,361
conf em instituições	-0,246	0,319
sports	0,241	0,306
trrendim	-0,139	-0,181
naodindeiro	0,099	0,110

(a) Duas componentes extraídas.

Método de extracção: análise das componentes principais.

Matriz de componentes em rotação (a)

[QUADRO A5]

	Componente	
	1	2
casual sex	0,681	-0,033
aborto	0,627	-0,016
drogas	0,624	0,010
ferelig	-0,466	0,043
autorid	-0,459	-0,009
independ	0,409	0,208
imagin	0,391	0,146
conf em instituições	-0,353	0,195
obedien	-0,343	-0,200
perseve	0,279	0,176
maneiras	-0,259	-0,163
poup	-0,241	-0,159
naotrabalho	0,238	0,071
trabduro	-0,233	-0,191
mrendim	-0,224	-0,084
trseguro	-0,190	-0,167
msexo	0,099	0,059
cultur	0,032	0,666
volunt	-0,075	0,664
actpoli	-0,058	0,464
impoli	0,099	0,437
sports	0,099	0,377
ilazer	0,192	0,229
trrendim	-0,055	-0,221
respons	0,153	0,160
naodindeiro	0,047	0,140

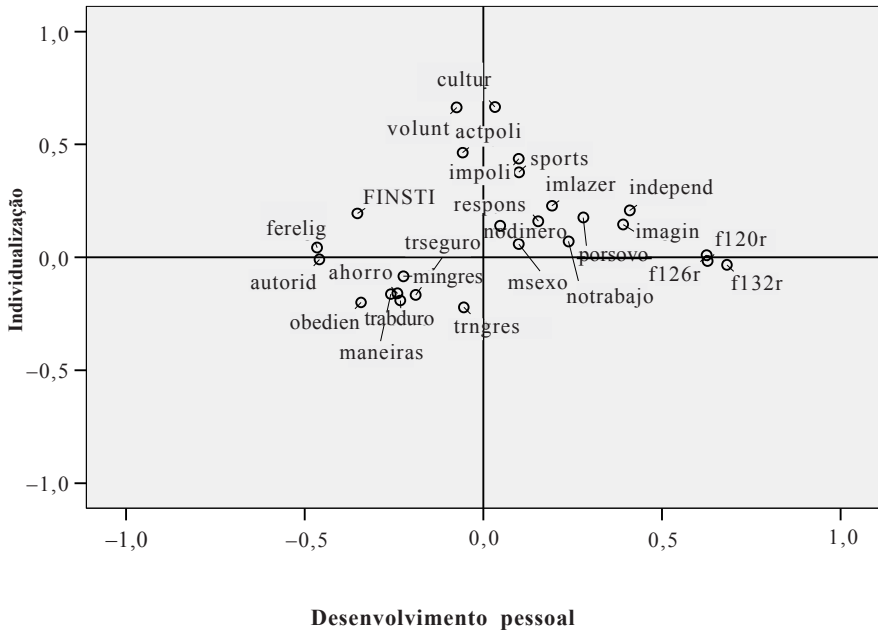
(a) A rotação convergiu em três iterações.

Método de extracção: análise das componentes principais.

Método de rotação: normalização Varimax com Kaiser.

Mapa dos valores

[GRÁFICO A1]



f132r = sexo; 120r = aborto; f126r = drogas.

NOTAS

¹ Os estudos demoscópicos qualitativos e quantitativos previamente trabalhados pelo autor, relativos à sociedade espanhola, permitem afirmar que a interpretação dominante e amplamente maioritária dos termos «religião», «crença religiosa» ou «Deus», etc., nos inquéritos remete, sem ambiguidades, para o contexto e campo de significações da religião dominante cristã católica (Tornos e Aparício, 1994; Conde, 1988; Arroyo Menéndez, 2004; Díaz-Salazar, 1994). É razoável supor que em Portugal e noutros países de ampla maioria católica do Ocidente europeu aconteça o mesmo. Este facto limita as possibilidades de análise, nos inquéritos disponíveis, de outras dimensões e formas de religiosidade (ou irreligiosidade) distintas da dimensão «religiosidade de Igreja».

² As medições da EVS são as de 1990 e 1999. As da ESS são as de 2002 y 2004. As restantes são do *Eurobarómetro*.

³ Para uma informação mais pormenorizada sobre a análise realizada e as variáveis utilizadas, v. anexo.

⁴ Os critérios da tipologia são os que se seguem: eclesiais, praticantes semanais que confiam na Igreja; atenuados, que confiam na Igreja mas assistem apenas ocasionalmente ou até nunca; praticantes regulares, que não confiam na Igreja; centrífugos. pessoas religiosas que não confiam na Igreja e não frequentam a missa regularmente; não religiosos, aqueles que não confiam na Igreja e não se consideram pessoas religiosas.

⁵ Os dados apresentados são do Eurostat, referentes ao mesmo ano do inquérito, 1999. Trata-se de índices sobre 100 (100 = média da UE 25).

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉS ORIZO, F. (1991), *Los Nuevos Valores de los Españoles. España en la Encuesta Europea de Valores*, Madrid, Fundación Santa María.
- ANDRÉS ORIZO, F., e ELZO IMAZ, J. (2000), *España 2000, entre el Localismo y la Globalidad. La Encuesta Europea de Valores en Su Tercera Aplicación*, Madrid, Fundación Santa María.
- ARROYO MENÉNDEZ, M. (2004), *Cambio Cultural y Cambio Religioso. Tendencias y Formas de Religiosidad en la España de Fin de Siglo*, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid.
- ARROYO MENÉNDEZ, M. (2004), «Hacia una espiritualidad sin Iglesia», in J. F. Tezanos (ed.), *Tendencias en Identidades, Valores y Creencias*, Madrid, Editorial Sistema, pp. 409-436.
- ARROYO MENÉNDEZ, M. (2005), «Religiosidad centrífuga. Un catolicismo sin Iglesia?», in *Iglesia Viva*, n.º 222, Abril, pp 111-119.
- ARROYO MENÉNDEZ, M., e CANTERAS MURILLO, A. (2005), «Los jóvenes y su sentido de la vida», in *Informe España 2005. Una Interpretación de Su Realidad Social*, Madrid, Fundación Encuentro, pp 205-262.
- ARROYO MENÉNDEZ, M. (2005), «La fuerza de la religión y la secularización en Europa», in *Iglesia Viva*, n.º 224, Outubro-Dezembro.
- BECKFORD, GARELLI, e GINER, HERVIEU-LÉGER, et al. (1992), *La religione degli europei. Fede, cultura religiosa e modernità in Francia, Italia, Spagna, Gran Bretagna, Germania e Ungheria*, Turim, Edizione della Fondazione Giovanni Agnelli.
- CONDE, F. (1988), *Primer Informe sobre el Proceso de Secularización en España*, Madrid. CIMOP.
- DAVIE, G. (2000), *Religion in Modern Europe. A Memory Mutates*, Oxford Univeristy Press (*Religión en la Europa Moderna. Una Memoria en Transformación*).
- DAVIE, G., e HERVIEU-LÉGER, D. (dirs.) (1996), *Identités religieuses en Europe*, Paris, La Découverte (*Identidades Religiosas na Europa*).
- DE FRANÇA, L. (1993), *Valores Europeus. Identidade Cultural*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- DÍAZ-SALAZAR (1994), «La religión vacía. Un análisis de la transición religiosa en Occidente», in *Formas Modernas de Religión*, Madrid, Alianza Universidad.
- HALMAN, P., ESTER, P., e DE MOOR, R. (1994), *The Individualizing Society. Value Change in Europe and North América*, Tilburg, Tilburg University Press.
- FREIRE, A. (2003), «Pós-materialismo e comportamentos políticos: o caso português em perspectiva comparativa», in *Valores Sociais: Mudanças e Contrastos em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS.
- FREIRE, A., COSTA LOBO, M., e MAGALHÃES, P. (coords.) (2002), *Comportamento Eleitoral e Atitudes Políticas. Portugal a Votos*, Lisboa, ICS.
- GUNTHER, R. (2002), «As eleições portuguesas em perspectiva comparada: partidos e comportamento eleitoral na Europa do Sul», in *Portugal a Votos: as Eleições Legislativas de 2002*, Lisboa, ICS.
- HALMAN, L., e RIIS, O. (2000), *Religion in Secularizing Society: the European Religion at the End of the 20th Century*, Brill, Leiden.
- HALMAN, ESTER, e DE MOOR, R. (1994), *The Individualizing Society*, Tilburg University Press.
- INGLEHART, R., e NORRIS, P. (2004), *Sacred and Secular. Religion and Politics Worldwide*, Cambridge University Press.
- INGLEHART, R. (1991), *El Cambio Cultural en las Sociedades Industriales Avanzadas*, Madrid, CIS, «Monografías», n.º 121.
- INGLEHART, R. (1998), *Modernización y Postmodernización. El Cambio Cultural, Económico y Político en 43 Sociedades*, Madrid, CIS, «Monografías», n.º 161.
- MACHADO PAIS, J., VILLAVEVERDE CABRAL, M., e VALA, J. (coords.) (2001), *Religião e Bioética. Atitudes Sociais dos Portugueses 2*, Lisboa, ICS.

- MACHADO PAIS, J. (1999), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, SEJ/ICS.
- MARINHO ANTUNES, M. (2002), *Resultados Provisórios do Recenseamento da Prática Dominical de 2001 [...] em Portugal*, documento de trabalho elaborado para as jornadas pastorais do Episcopado de 2002, CESP, Universidade Católica Portuguesa.
- PIRES, L., e ANTUNES, M. (1998), «Vida religiosa», in *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa*, Lisboa, ICS.
- RAMOS, A., VALA, J., e VILLAVARDE CABRAL, M. (coords.) (2003), *Valores Sociais: Mudanças e Contrastes em Portugal e na Europa. Atitudes Sociais dos Portugueses 5*, Lisboa, ICS.
- MACHADO PAIS, VILLAVARDE CABRAL, M., e VALA, J. (2000) *Atitudes e Práticas Religiosas dos Portugueses*, Lisboa, ICS/ISSP.
- MONTERO, J. R. (2003), «Las dimensiones de la secularización: religiosidad y preferencias políticas en España», in S. Giner e R. Y. Díaz-Salazar (eds.), *Religión y Sociedad en España*, Madrid, CIS.
- TEIXEIRA, ALFREDO (2005), «A prática religiosa. O fim do ‘cristianismo objetivo’?», in *Estudos Teológicos*, 9, pp. 227-252.
- TORNOS Y APARICIO (1994), *Quién Es Creyente en la España de Hoy?*, Madrid, PCC.
- VILAÇA, HELENA (2006), *Da Torre de Babel às Terras Prometidas. Pluralismo Religioso em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.